

Novos movimentos religiosos em Portugal: passado, presente e futuro

*Miguel H. Farias**

*Tiago Santos***

Resumo. Este artigo procura alcançar um duplo objectivo: a) introduzir a forma como o problema social dos novos movimentos religiosos (NMRs) se configura em Portugal e b) fazer uma panorâmica do estado da arte no que respeita ao seu estudo científico. Para esse efeito procede-se a uma introdução histórica em perspectiva de voo de pássaro, seguindo-se-lhe uma apresentação dos movimentos autóctones mais relevantes, uma passagem em revista da literatura proto-científica já existente, algumas considerações sobre a interacção dos NMRs com a sociedade em geral e os media em particular, concluindo em torno do projecto da Lei da Liberdade religiosa, sobre o qual convergem actualmente todas as atenções.

Palavras-chave: sociologia das religiões, catolicismo, tradições, novas seitas.

INTRODUÇÃO - O SENTIMENTO RELIGIOSO DOS PORTUGUESES

Na perspectiva de uma sociologia dos Novos Movimentos Religiosos (NMRs) o facto mais relevante do devir histórico de Portugal é talvez a sua impermeabilidade à Reforma protestante. Com efeito, o país foi, desde os tempos remotos do Priscilianismo, impermeável à inovação religiosa, fosse ela autóctone ou exógena (Espírito Santo, 1993). Mas como permaneceu esse bastião do catolicismo inviolado durante tanto tempo e, dada a solidez de que deu provas, o que justifica que tenha começado a apresentar brechas no último quartel do século? Pensamos que a preservação da homogeneidade religiosa patente na Tabela 1 se deve a 3 factores:

O primeiro diz respeito à capacidade de assimilação do catolicismo face à religião popular. Com efeito, a grande força e criatividade religiosa portu-
gue-

* Miguel H. Farias é pesquisador na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

** Tiago Santos é pesquisador na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

sa continua a ser do domínio da religião popular manifesta, sobretudo, no culto de Santos e imagens. As festividades populares cíclicas mostram bem a existência de um sincretismo policromo entre antigas crenças e festas pagãs e o catolicismo (Veiga de Oliveira, 1984; Espírito Santo, 1984; 1988).

Um segundo factor, absolutamente incontornável, tem a ver com a acção traumática da Inquisição, que de 1536 a 1821 instituiu mais de 40 mil processos (Mattoso *in* Serrão, 1992), contribuindo para que, ainda hoje, a religião seja algo que se tem mas que não se discute. É do domínio do privado e estranha-se quem inicia uma conversa ou faz uma pergunta directa sobre a vivência e crença religiosa.¹

Um terceiro e último factor de conservação da hegemonia católica terá sido a sua simbiose com o regime autoritário, personificada na parelha Salazar e Cerejeira, que manteve artificialmente a sociedade portuguesa na pré-modernidade durante décadas. Desta forma, a elite do poder do Estado Novo subsistiu até aos anos 1970 e a libertação do mercado religioso teve de esperar pela Revolução de 25 Abril de 1974.

Mas qualquer equação directa do degelo político da Revolução com o abalar do monopólio religioso da Igreja Católica seria um *deus ex machina* da História. É mais razoável supor que ambos os eventos se inserem numa tendência de modernização que se imiscuiu subrepticamente na sociedade portuguesa e que, ao atingir massa crítica, resultou no Movimento das Forças Armadas. O primeiro surto de legalizações deu expressão legal a igrejas como a dos Adventistas do Sétimo Dia, que se encontravam no país há já largas décadas mas eram mantidas em xeque pelo aparato repressivo.

Quase paradoxalmente, neste quadro aparentemente monolítico, a tolerância é frequentemente referida como um “traço de carácter do português”. Segundo Boaventura Sousa Santos, esta não é um atributo que naturalmente emana de um psiquismo colectivo mas sim o efeito de uma causa estrutural e concreta: a debilidade histórica do Estado. Segundo o autor, este ter-se-á revelado incapaz de promover uma efectiva homogeneidade interior (Santos, 1994), o que terá conduzido a uma certa indeterminação de fronteiras culturais, a uma confusão de Nós e Eles e à ausência do sentimento de superioridade cultural característico da civilização ocidental (Saraiva *in* Santos, 1994). Características que de alguma forma prefiguram o sincretismo brasileiro.

¹ Sucedeu diversas vezes a um dos autores, ao recolher dados sobre crenças e práticas religiosas num Hospital de Lisboa, ser abordado no sentido de justificar a sua própria denominação religiosa. Quase sempre, quem pergunta presume que o investigador pertence às Testemunhas de Jeová, o que é em si mesmo um dado interessante para perceber a acção deste grupo junto dos mais variados estratos da população, bem como a ideia que se tem do seu proselitismo.

Comparativamente, é de salientar que a espiritualidade portuguesa sempre se denotou por uma atitude mais lírica e temperada do que a espanhola, sendo esta última de tipo mais feérico, como são disso exemplo os casos de São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila (C. H. Silva, 1986).

NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS EM PORTUGAL

Depois de Abril de 1974, as portas abriram-se para muitas dos NMRs que se encontram espalhadas um pouco por todo o mundo. Hoje, podemos encontrar na lista de associações religiosas não-católicas do Ministério da Justiça, grupos como o da *Cientologia*, *Igreja da Unificação*, *Exército de Salvação*, *Ananda Marga*, bem como perceber a disseminação por todo o país de Igrejas como a das Testemunhas de Jeová, que estão no país desde 1925 e têm sido, desde há muito tempo, um dos alvos críticos da imprensa, apenas recentemente suplantada pela IURD e a Igreja Maná, esta última, uma outra igreja pentecostal fundada pelo português Jorge Tadeu.

Não existem dados seguros relativamente ao número de membros destas igrejas. A pesquisa² nacional mais recente que inclui uma pergunta sobre filiação religiosa data de 1997 e indica que uma vasta maioria da população de 89,9% afirma-se católica, enquanto que os ateus e agnósticos aparecem em segundo lugar, somando 6,4% das respostas e, em terceiro lugar, outros cristãos não-protestantes, com uma percentagem de 2,1%.³

TABELA 1- Filiação religiosa em Portugal segundo uma pesquisa nacional de 1997

		Frequência	Percentagem	% Válida
Casos	Católicos	1471	89,9	90,4
Válidos	Islâmicos	2	0,1	0,1
	Protestantes	15	0,9	0,9
	Ateus e agnósticos	105	6,4	6,4
	Outros cristãos	34	2,1	2,1
	Outros não cristãos	1	0,1	0,1
	Total		1628	99,5
Casos	Não sahem	7	0,4	
Omissos	Não respondem	2	0,1	
	Total	9	0,5	
Total		1637	100,0	

Fonte: As Atitudes Sociais dos Portugueses, 1997.

² Pesquisa publicada em 1998 foi aplicado um outro que incide especificamente sobre a religião mas cujos dados não são ainda públicos.

³ No Recenseamento Geral da População de 1991 havia uma percentagem de 1,76% para outras religiões cristãs, somando os Protestantes 0,44% e os Outros Cristãos (0,94%).

O último censo, de 1991, indicava uma população total de 9.862.540 habitantes, mas estimativas mais recentes indicam que já se terá passado dos 10 milhões. Assim, é possível estimar que estas 3 igrejas, que se pensa serem as que movimentam maior número de membros em Portugal e mantêm uma actividade proselitista mais acesa, dividam entre si a maioria das cerca de 210 mil pessoas. Esta estimativa não está longe da de alguns jornalistas que calcularam o número de membros da IURD baseado na tiragem do jornal da igreja, entre os 50 mil e os 100 mil exemplares/adeptos.

Claro que falta referir uma outra força, mas esta demasiado invisível e difusa para ser calculada, senão através da venda de livros referenciais. O movimento ou ideologia *New Age* ou nebulosa místico-esotérica (Champion, 1990) é o outro lado da religião, a espiritualidade não institucionalizada e verdadeiramente privatizada que prospera cá, como em muitas outras partes do mundo. A abertura de centros e lojas ditas alternativas, com comida vegetariana, consultas de medicinas alternativas e outras práticas espirituais conheceu um crescimento significativo nesta década de 90 — embora as mais antigas viessem já dos anos 70 — principalmente nas grandes cidades mas também no Algarve, em espaços mais rurais destinados a seminários intensivos de fim-de-semana.

Também se assistiu, apenas nos últimos anos, à publicação de trabalhos originais e não simplesmente traduções ou edições brasileiras, sobre temas *New Age* ou mesmo romances do tipo esotérico. Vale a pena fazer uma menção especial a um grupo específico, o Centro Lusitano de Unificação Cultural, com cerca de 12 anos de existência e que é, dentro do referencial *New Age*, o mais importante movimento criado em Portugal, com literatura própria, e cuja expansão internacional é apenas suplantada pela Igreja Maná. Estes dois grupos, apesar de se moverem em constelações bastante diversificadas, são os mais significativos NMRs que se podem reclamar de origem portuguesa, embora ambos assumam um desejo de expansão e reconhecimento universalista. O Centro Lusitano de Unificação Cultural realiza a sua expansão, mormente por meio da tradução e publicação de literatura em países estrangeiros.

Nota-se uma certa confusão na utilização das designações igreja e religião aqui, como em muitos outros inquéritos. Com efeito, não é correcto utilizar-se a designação 'religião' quando se reporta às igrejas protestantes ou quaisquer outras igrejas cristãs, como aliás também não é correcto utilizar-se 'religião' no plural quando se reporta ao cristianismo. Com efeito, existe apenas uma religião cristã, composta de diversas igrejas, entre as quais se incluem as novas igrejas pentecostais. Do mesmo modo, é pertinente questionar até que ponto é legítimo tratar estas igrejas pentecostais como não protestantes, categoria que tradicionalmente caberia somente à Igreja Ortodoxa e Anglicana.

Esta literatura, com forte influência teosófica, centra-se à volta de um conjunto de obras recebidas mediunicamente, com mensagens de históricos mestres espirituais da humanidade, em que alertam para a mudança global que se irá dar, com a emergência de uma nova era espiritual.⁴

Paralelamente à nebulosa *New Age* portuguesa, existe um outro movimento igualmente disperso mas quantitativamente menos representativo, que reuniu um conjunto significativo de intelectuais portugueses ao longo do século e que promove a recuperação de uma mitologia e pensamento/sentimento português, ligado a temas como o Sebastianismo e o Quinto Império. Contrariamente ao que se passou no Brasil com o sebastianismo, que se popularizou entre as camadas mais desfavorecidas (Hermann, 1999), em Portugal tornou-se objecto de interesse por parte de uma elite intelectual e artística. A *Mensagem* de Fernando Pessoa, o saudosismo do poeta Teixeira de Pascoaes, a filosofia de Sampaio Bruno e o criacionismo de Leonardo Coimbra são elementos de um grupo heterogéneo que viria a ganhar uma coesão incipiente sob os auspícios do movimento de Filosofia Portuguesa e da figura de Álvaro Ribeiro, nos anos 50. Os mais importantes contributos das últimas duas décadas para este sistema solto de ideias centram-se nas pessoas e obras do pedagogo Agostinho da Silva, do artista plástico Lima de Freitas e do escritor e ensaísta António Telmo.⁵

Agostinho da Silva, emigrado durante grande parte da vida no Brasil onde seria um dos fundadores da Universidade de Brasília, regressa a Portugal nos anos 80 e tem alguns anos de fulgurante presença na comunicação social, em que assumindo à letra uma atitude socrática, dissemina uma mensagem poética de liberdade e de fraternidade, reflectindo com particular entusiasmo sobre a comunidade espiritual dos povos de língua portuguesa e do Império do Espírito Santo. Em torno de si, congregou e disseminou — com uma ênfase particular na geração mais jovem pré-universitária — uma mensagem profética, de uma missão espiritual reservada a Portugal para a construção de um mundo fraterno, inspirada no culto popular do Espírito Santo criado por D. Dinis e Dona Isabel no século XIII e, ainda hoje, existente nos Açores e em vários locais do Brasil.

Lima de Freitas, deixou-nos para além de uma obra artística recheada de conteúdos simbólicos e de referências míticas portuguesas — com destaque

⁴ *As Novas Escrituras* Vol.1-5 (1988-1999). Centro Lusitano de Unificação Cultural. Lisboa.

⁵ Existe, no Brasil, pelo menos um autor que segue a linha pensamento destes autores mas transforma o Brasil e não Portugal no centro desse novo Império do Espírito Santo. No dizer do autor, *o Brasil é o Graal*. Ver José Luís Conceição Silva (1997). *Os painéis de D. Afonso V e o futuro do Brasil*. Brasília.

para a sua última grande obra de painéis de azulejos para a estação do Rossio, em Lisboa — alguns ensaios sobre pitagorismo e geometria mágica.

Por sua vez, António Telmo, o único destes autores ainda vivo, escreveu uma obra de referência em 1977, *A História Secreta de Portugal*, e outras em que se debruça sobre motivos simbólicos e espirituais que dominam o sentimento, história e desígnio portugueses, mergulhando as raízes do inconsciente luso na tradição judaica e persa.

Apesar deste movimento, que traduz o assomar de uma esperança messiânica portuguesa, ter estado, até aqui, ligado a um grupo relativamente restrito, há sinais que indicam que o desaparecimento destas figuras tutelares anda a par com uma disseminação deste ideal pela comunidade *New Age* portuguesa e, mesmo, por alguns grupos de referência maçónica⁶ e rosa-cruciana. É possível que o futuro próximo venha a trazer desenvolvimentos interessantes nesta área, em parte incentivados pela conjuntura política e mesmo afectiva⁷ de aproximação dos países de língua portuguesa.

A LITERATURA SOBRE NMRS EM PORTUGAL

Contrariamente ao Parlamento Europeu, bem como aos parlamentos nacionais da maior parte dos países da União Europeia, a Assembleia da República nunca elaborou relatórios sobre o tema dos novos movimentos religiosos⁸, não se constituíram associações ou centros de informação e luta contra as *seitas*, os estudos académicos originais são quase inexistentes e rareiam as traduções de livros-denúncia de novos grupos religiosos. Em França, em particular, os últimos anos têm assinalado discussões acesas e a criação de comissões de luta contra aqueles grupos que se podem revelar perigosos. No caso português, como menciona o relatório Berger da União Europeia, não existem dados sobre a situação. Com efeito, nunca nenhum governo ou organismo do estado tomou alguma vez a iniciativa de promover o estudo do tema.

Há também a considerar a inexistência, fora dos seminários de teologia, de uma tradição académica de estudos da religião como existe noutros países. Nada disto implica que não tenha havido e continue a haver uma forte vivência religiosa e que essa vivência se tenha alterado nas últimas décadas de

⁶ Ver Anes, José (1996). *Re-criações Herméticas*. Lisboa: Hugin.

⁷ As expressões espontâneas de solidariedade e comoção em todo o país para com o povo de Timor Lorosae denotam a existência de laços profundos com as antigas colónias portuguesas, mesmo com aquela que foi sempre a mais distante e esquecida.

⁸ Os textos de quase todos os relatórios podem ser consultados no website do Centre for the Study on New Religions <http://www.cesnur.org>

modo significativo; significa simplesmente que não tem havido quem se dedique a monitorar essas tendências e que, academicamente, neste momento e no que toca ao estudo dos novos movimentos religiosos, está quase tudo por fazer.

Com efeito, nos raros estudos académicos realizados em Portugal⁹ parece grassar o mesmo tipo de linguagem utilizada pelos jornalistas quando se querem referir aos NMRs: lavagem cerebral, manipulação e engano são termos dilectos pelo seu poder evocatório e pelo seu vazio heurístico. Para que se possa entender a pobreza da literatura sobre novos movimentos religiosos produzida em Portugal passa-se a enumerar todos os livros de que se tem conhecimento. Dois deles, produzidos por jornalistas têm como títulos: *Igreja Universal do Reino de Deus: tentáculos de um polvo monstruoso para a tomada do poder* e *Os parasitas de Deus: as novas seitas*. Os livros académicos, bastante recentes (98 e 99), são escritos por um teólogo católico — *As novas seitas cristãs e a bíblia* (Neves, 1998) — e por um antropólogo brasileiro e um teólogo luterano sueco — *Deus, o Demónio e o Homem. O fenómeno Igreja Universal do Reino de Deus* (Anders e Rodrigues, 1999).

No seu livro *Carreira das Neves* esgrime uma vistosa argumentação teológica, cravejada de comentários acres sobre as demais igrejas cristãs. Alguns desses comentários são extemporâneos em relação à lógica argumentativa envolvente; outros, de tão burlescos, raiam o humor negro; por exemplo, na página 153 lê-se que “As seitas “cristãs” não matam à espada, nem mandam os “hereges” para a fogueira, mas matam a liberdade psicológica das pessoas”.

Por outro lado, o livro de Rodrigues e Ruuth sobre a IURD é bastante mais parcimonioso — os autores iniciam e terminam o livro citando Durkheim a propósito de não existirem religiões falsas ou verdadeiras. Contudo, o preconceito social parece estar tão enraizado que os autores, ainda que outorgando à IURD o estatuto de igreja e não de “seita”, escorregam ocasionalmente para uma retórica da “manipulação” sem prévia definição do conceito e, conseqüentemente, acabam por permitir, se não mesmo encorajar, o leitor a

⁹ Não se irá tratar aqui dos — também raros — estudos realizados por autores brasileiros sobre a realidade portuguesa dos NMRs. Merecem, contudo, referência a investigação de Ismael Pordeus Jr (1999) sobre a chegada a Portugal de grupos religiosos afro-brasileiros, com destaque para o Terreiro de Umbanda Ogum Megê em Lisboa, e o trabalho de doutoramento de Clara Mafra, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1999, sobre a IURD, especialmente o segundo capítulo: “A formação do pluralismo religioso a partir das ambiguidades da lei — o caso português”.

inferir as piores conotações do seu uso. Exemplar também é a sua referência das Igrejas da Cientologia e da Unificação como seitas auto-destrutivas. (p. 9)

Como consequência deste vazio académico, o trabalho jornalístico ganha maior destaque e repercussão, o que pareceu ter acontecido de modo particularmente alarmante com o episódio da tentativa de compra do Coliseu do Porto pela IURD, em Agosto de 1995.

O PROBLEMA SOCIAL DOS NMRS EM PORTUGAL

Ainda que o tema seja propício à notícia, quando vemos as colunas sobre religião na imprensa portuguesa esse espaço é majoritariamente ocupado com a Igreja Católica. Durante anos o único grupo alternativo que merecia o destaque da imprensa era o das Testemunhas de Jeová, muitas vezes graças à polémica em torno da sua crença hostil às transfusões de sangue. Mas em Portugal só se pode falar de um real interesse dos media pelos novos movimentos religiosos com a expansão da IURD e da Igreja Maná. Ambas adoptaram tácticas semelhantes de aluguer de salas para culto nas áreas urbanas e colheram a animosidade dos meios de comunicação social, quase sempre devido ao seu poder financeiro, bem como à prática do dízimo. Para efeitos deste artigo, interessa focar o exemplo mais interessante de condicionamento da opinião pública contra a IURD.

Com efeito, esta igreja tornou-se rapidamente conhecida pela sua prática proselitista, o seu interesse em divulgar a sua mensagem através dos *media*, comprando rádios locais e alugando espaço em estações televisivas privadas, tal como aconteceu no Brasil. A sua prática ritual espectacular, prenhe de exorcismos e milagres foi também alvo preferencial de interesse, num país habituado a equacionar religião com rituais em modo lento, bem como o facto de a maioria dos seus membros serem pobres, o que foi imediatamente tomado pelo senso comum jornalístico como a exploração dos mais fracos.

Quando em 2 de Agosto de 1995, cinco anos depois de chegar a Portugal, a IURD anuncia a cerimónia de inauguração da sua mais recente sede, o Coliseu do Porto, uma das maiores salas de espectáculos do norte do país, a Câmara Municipal do Porto e a Secretaria de Estado da Cultura declaram que irão fazer tudo em seu poder para impedir que aquela sala se transforme num templo. Imediatamente se abre um fogo cerrado de despachos burocráticos a impedir a apropriação da sala, uma série de manifestações de repúdio de figuras públicas e um contra-ataque da IURD, a acusar os políticos de falta de isenção. A igreja chegou a anunciar uma manifestação no Porto, junto ao Coliseu, mas a Câmara antecipou-se e organizou acções de protesto com figuras do meio artístico e intelectual que se tornaram verdadeiras manifestações

públicas, com milhares de pessoas a manifestarem-se contra a venda do Coliseu à IURD. Passados poucos dias destes incidentes, a companhia que fizera o contrato de compra e venda do Coliseu com a IURD propõe-se desfazer o contrato e iniciar negociações com a Câmara Municipal do Porto. É constituída, ainda em meados do mês de Agosto, uma sociedade dos amigos do Coliseu, com o fim de realizar acções de angariação de fundos para comprar o Coliseu.

Mas as acções mais violentas tomaram lugar somente no início do mês de Novembro — depois do famoso episódio ocorrido no Brasil do pontapé na imagem de Nossa Senhora da Aparecida, largamente divulgado em Portugal — quando salas de culto da IURD nos arredores do Porto começaram a ser alvo de apedrejamentos e vandalismo por parte de elementos da população local hostis à Igreja. Estas acções de violência provocaram ondas de protesto por parte de políticos, da Aliança Evangélica Portuguesa que acusou a Igreja Católica de fomentar estas acções, bem como reacções ambíguas da Igreja Católica que, através do seu secretário da Conferência Episcopal, fazia apelos à tolerância e liberdade de culto, ao mesmo tempo que acusava a IURD de práticas de lavagem cerebral, roubo e desordem. Em conclusão, a IURD acabou por perder a compra do Coliseu, alguns meses depois deixa de transmitir programas na televisão por alegada ilegalidade do contrato que tinha estabelecido; o Bispo dirigente é transferido para Madrid em Fevereiro de ‘96.

Este episódio representou o culminar de um processo de publicitação da IURD pelos média em que estes a apresentaram como uma instituição mais afim do crime do que da religião. Talvez mais importante para o futuro desta igreja e de outras apresentadas com um perfil semelhante, como aconteceu com a Igreja Maná, foi a cristalização para a opinião pública de uma imagem claramente negativa e praticamente irrefutável. Isto é uma dedução, a merecer uma investigação com dados empíricos, mas que se torna visível na atenção subsequente que a igreja tem merecido da comunicação social. Pequenas notícias sobre a compra de mais um pequeno cinema ou da dissidência de algum membro, em que se dá como dado implícito e adquirido que esta é uma organização gerida por malféitores, onde caem os pobres e desprevenidos. Apesar de se considerar primordial o papel dos *media* para a consumação de todo o tumulto em torno da venda do Coliseu do Porto, houve outros elementos precipitadores dos acontecimentos, nomeadamente, a acção da Câmara Municipal na organização da primeira manifestação, o apoio e declarações das individualidades de todo o espectro da arena cultural e, também, a infeliz política de contra-ataque da própria IURD, ao tratar o assunto como uma espécie de guerra santa, da qual não iria desistir.

A NOVA LEI DA LIBERDADE RELIGIOSA

Portugal ocupa entre os países europeus uma posição singular no que toca à religião pois apesar de dotado de uma Constituição que consagra a separação do Estado e das igrejas (Artigo 41^o) concede, por via da Concordata firmada com a Santa Sé em 1940, privilégios exclusivos à Igreja Católica. Situação jurídica original, tanto mais que não existe ainda uma lei da liberdade religiosa promulgada em regime democrático (a mais recente data de 1971) mas apenas uma série de “remendos” que visam minorar as mais flagrantes inconstitucionalidades da Concordata.

Contudo, uma nova proposta de lei¹⁰ aguarda presentemente discussão em Assembleia da República. O aspecto mais polémico desta respeita ao facto de ela não cancelar os privilégios da Igreja Católica — o que seria no entender do próprio autor da lei o mais desejável, se bem que politicamente impraticável¹¹ — e propor como solução um alargamento desses privilégios a outras confissões, que embora registadas e reconhecidas, deles não usufruem. Daí decorre toda a polémica pois há que estabelecer um critério de paridade com a Igreja Católica e instituir uma arbitragem para o processo. Ora, por um lado, o critério proposto é temporal (30 anos de existência em Portugal) e exclui as novas igrejas de maior vitalidade, por outro, a arbitragem fica a cargo de uma comissão tripartida, da qual pelo menos um terço dos membros são filiados nas igrejas instituídas que, presumivelmente, têm interesse em limitar o acesso das concorrente aos privilégios de que dispõem. Acresce que, dado o estado do campo do estudo dos NMRs que referimos acima, o terço científico da comissão tripartida dificilmente poderia fazer jus aos pergaminhos de imparcialidade que lhe são conferidos.¹²

CONCLUSÃO

Qual o quadro futuro da religião em Portugal e dos novos movimentos religiosos em particular, dada esta conjuntura? Não estará no horizonte o desejável nivelar por baixo dos privilégios conferidos às igrejas. Aliás, não está no horizonte próximo qualquer nivelamento jurídico-administrativo da Igreja Católica com as suas concorrentes que se dedicam a um proselitismo mais virulento. O panorama religioso, contudo, continuará a diversificar-se, o que, dado

¹⁰ Diário da Assembleia da República, II Série-A – Número 6, Suplemento, Sexta-feira, 3 de Dezembro de 1999.

¹¹ Comunicação pessoal do Juíz Sousa e Brito aos autores.

¹² O terço restante da comissão é escolhido dos quadros dos ministérios da Justiça, Finanças, Administração Interna e Trabalho e Solidariedade.

o relativo esvaziamento de prática católica (ser católico não praticante é uma das fórmulas de auto-definição religiosa mais frequentes), pode ser assimilado a um revival religioso na linha do que nos tem sido anunciado ao longo das últimas décadas como um despertar dos mágicos ou um rumor de anjos.

ABSTRACT

This paper's objective is twofold. It aims at: a) presenting the specifics of the way the social problem of new religious movements (NRMs) is constructed in Portugal and b) giving a panoramic view of the state of the art in what concerns NRMs studies in this country. To this effect the authors: a) recapitulate relevant historical events, b) present the most relevant autochthonous movements, c) briefly review the existing proto-scientific literature, d) comment some events deemed exemplary on the relations of NRMs, Portuguese society, in general, and the mass media, in particular, and e) conclude by presenting the new Law of Religious Freedom and the polemic it feeds.

RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est double. Il vise: a) présenter le problème social des nouveaux mouvements religieux (NMRs) tel que il est construit au Portugal et b) donner une panoramique de l'étude des NMRs dans ce pays. À cet effet les auteurs: a) récapitulent les événements historiques rélevants, b) présent les mouvements autochtones, c) passent en revue brièvement la littérature proto-scientifique existante, d) commentent quelques événements considérés exemplaires sur les relations des NMRs avec la société portugaise, en général, et les moyens de communication de masse, en particulier, et e) concluent en présentant le sujet de la nouvelle loi de la liberté religieuse et la polémique qui l'entoure.

BIBLIOGRAFIA

- Champion, F. (1990). "La nébuleuse mystique-ésotérique. Orientations psycho-religieuses des courants mystiques et ésotériques contemporaines" in F. Champion and D. Hervieu-Léger (eds) *De l'émotion en religion. Renouveau et traditions*. Paris: Centurion.
- Espírito Santo, Moisés (1984). *A religião popular portuguesa*. Lisboa: A regra do jogo.
- Espírito Santo, Moisés (1993). *Origens do cristianismo português*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões.
- Espírito Santo, Moisés (1988). *Origens orientais da religião popular portuguesa: ensaio sobre toponímia antiga*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Hermann, Jacqueline (1999). "D. Sebastião e a cidade do paraíso terrestre". Comunicação apresentada nas *LX Jornadas de Alternativas Religiosas na América Latina*. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Neves, Joaquim Carreira das (1998). *As novas seitas cristãs e a bíblia*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Pordeus Jr., Ismael (1999). "O imaginário luso-afro-brasileiro na Umbanda portuguesa". Comunicação apresentada nas *LX Jornadas de Alternativas Religiosas na América Latina*. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Ruuth, Anders & Rodrigues, Donizete (1999). *Deus o demónio e o homem. O fenómeno Igreja Universal do Reino de Deus*. Lisboa: Edições Colibri.
- Santos, Boaventura de Sousa (1994). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto : Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento.
- Serrão, Joel (1992). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Figueirinhas.
- Silva, Carlos Henrique (1986). *Experiência orante em Santa Teresa de Jesus*. Lisboa: Edições Didaskalia.
- Veiga de Oliveira, Ernesto (1984). *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote.